



RESENHA

## História do PT

Pedro Crem

Tecnólogo e membro do Núcleo  
de Estudos d' O Capital (NEC-PT)

Eu gostaria aqui de comentar o livro “A História do PT”, do amigo e companheiro Lincoln Secco, professor de História contemporânea na USP, mas, como não sou historiador, o que me compete, no máximo, é dizer o quanto gostei, aprendi, e me lembrar da minha própria militância, numa distante década de 1980.

A obra narra numa linguagem clara e acessível para nós, leigos, a história do Partido dos Trabalhadores desde a sua gênese a partir de 1978 até 2010 e o início do governo Dilma. Como o autor explica na introdução, ele escreveu o livro principalmente para os jovens em geral que querem conhecer essa história e não um livro acadêmico, e que a história que ele pretende esclarecer é principalmente aquela da dinâmica interna do partido.

Lincoln divide o livro e a história do PT em quatro grandes fases: Formação (1978-1983), Oposição Social (1984-1989), Oposição Parlamentar (1990-2002) e Partido de Governo (2003-2010). Cada uma dessas fases ele descreve de maneira didática, e às vezes divertida, quando cita episódios pitorescos, porém simbólicos, entre militantes, ou frases inspiradas dos personagens dessa nossa história recente.

Excelente também é o glossário, pois quem não viveu a época vai poder descobrir o que significam termos como “Antártica”, “Grupelho” ou (brrr!) “Capa Preta”, e ainda conhecer termos mais técnicos como “Questão de Ordem”, “Plenária” ou “Proporcionalidade”. E, para ligar os nomes às pessoas, há um apêndice com a lista dos principais líderes das principais tendências que integram ou integraram o PT e um índice onomástico.

No momento da formação do PT, entre 1978 e 1983, eu era apenas um adolescente e não tinha muito interesse por política. Eu morava em Santo André, no ABC Paulista, e estava próximo de toda aquela emergência do novo sindicalismo. Meus vizinhos eram, em sua maioria, famílias de operários, porém esse não era meu caso. Meus pais eram professores do ensino fundamental, tinham certo desprezo pelos ofícios manuais e queriam que seus filhos fossem “doutores”. Por outro lado, as coisas estavam acontecendo ali na minha frente: os vizinhos envolvidos nas greves, Lula nos noticiários. Impossível não se fascinar com aquela figura rebelde, que se levantava contra a ditadura e o arrocho salarial.

Lembro que em 1980, eu estava no 1º ano do 2º grau e a escola ficava no centro da cidade, apenas a dois quarteirões da sede do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André. Um dia, quando passei de ônibus em frente ao sindicato, a rua estava tomada por um conflito entre a polícia e os sindicalistas. Era o governo militar sendo confrontado pelo novo sindicalismo de Lula bem ali, na frente dos meus olhos. Minha contradição era que eu, que havia estudado todo o 1º grau em escola estadual, agora estava cursando o 2º grau em uma escola particular. Os “mauricinhos” e “patricinhas” da minha sala não tinham nenhuma afinidade com nada daquilo. Mas mesmo eles acabaram influenciados. Naquele ano, quando houve aumento das mensalidades, alguns colegas lideraram uma greve, fizeram piquete na porta da escola, gritamos palavras de ordem e fizemos passeata. Mas no dia seguinte todos estavam de volta à sala de aula, sem maiores diferenças e todo engajamento já havia se esgotado. Acredito que aquilo aconteceu mais por imitação, mas não deixa de demonstrar a força daquele novo sindicalismo e do levante contra a ditadura, influenciando até mesmo os filhos dos pequenos burgueses numa tradicional escola particular católica, administrada por freiras.

E foi assim que eu vi o PT nascer, pela mão dos sindicatos, do Lula, e com o apoio da igreja. Os operários eram católicos em sua maioria e na igreja que eu frequentava o sermão dos padres e os

textos nos folhetos sempre ressaltavam a opção da igreja pelos pobres. Era grande a força da teologia da libertação nessa época, antes do massacre promovido por João Paulo II. Os outros elementos citados por Lincoln na formação do PT, os políticos originários do MDB, os remanescentes da luta armada e, os intelectuais, eu só conhecia dos noticiários, e os trotskistas... Ora, eu lá sabia o que era isso? Levou alguns anos antes que eu ouvisse essa palavra pela primeira vez. Mas nessa época eu era apenas um espectador passivo e pouco interessado.

E foi assim que eu vi o PT nascer, pela mão dos sindicatos, do Lula, e com o apoio da igreja. Os operários eram católicos em sua maioria e na igreja que eu frequentava o sermão dos padres e os textos nos folhetos sempre ressaltavam a opção da igreja pelos pobres. Era grande a força da teologia da libertação nessa época, antes do massacre promovido por João Paulo II. Os outros elementos citados por Lincoln na formação do PT, – os políticos originários do MDB, os remanescentes da luta armada e, os intelectuais, – eu só conhecia dos noticiários, e os trotskistas... Ora, eu lá sabia o que era isso? Levaram alguns anos até que eu ouvisse essa palavra pela primeira vez. Mas nessa época eu era apenas um espectador passivo e pouco interessado.

A próxima fase que Lincoln descreve é a que ele chama de “Oposição Social”, que vai de 1984 a 1989, ou seja, do fim dos governos militares até a eleição de Collor. Ele explica como nesse período o PT se organizou em núcleos e como eles funcionavam, sobre os conselhos populares que deveriam orientar os governos do PT, discorre sobre a sopa de letras que eram as diversas tendências que compunham o PT e a formação da Articulação, como uma tendência de centro, majoritária. Ele também conta como funcionavam os encontros do partido, a virtual ausência de esforço de formação da militância, as dificuldades com as finanças, a campanha das “Diretas Já”, a campanha de 1989, entre outras coisas. Ele mostra como nesse período, em que o PT ainda não tem uma base parlamentar capaz de decidir as questões nacionais, o partido se afirma nos movimentos sociais, tornando-se a grande força de oposição, não nos parlamentos, mas nas ruas, sindicatos e todo tipo de organizações populares. É nessa época que a “cara” do PT se desenha para a maioria da população.

Foi nessa época que me aproximei e acabei me filiando ao PT, em 1986. Em 1983 eu fui estudar na FATEC-SP e sofri uma

enorme decepção, ao descobrir que ela havia sido projetada para ser a faculdade modelo do regime militar, formando um técnico submisso e acéfalo, não o homem pensante e transformador que eu almejava ser. Aquilo me deixou revoltado.

Então havia aquele colega de classe, o Jorge, que era militante do PT. Ele tinha as ideias e práticas para entender e combater aquela situação que para mim era só uma insatisfação difusa e impotente. Primeiro ele me vendia alguns jornais e publicações do PT, depois pediu apoio para a chapa que formavam para o centro acadêmico. Finalmente me convidou para uma reunião da tendência de que ele fazia parte. Ele era militante de “O Trabalho”, uma das organizações trotskistas dentro do PT. Quando participei daquela reunião quase clandestina, em 1983 ou 1984, numa sala de aula mal iluminada num canto da PUC, onde os velhos militantes se tratavam de “camaradas”, eu fui definitivamente fisgado. Afinal, a ditadura caía de podre, mas ainda não havia acabado. O General Figueiredo ainda era o presidente e aquilo foi como uma aventura. Minha primeira aproximação do PT não foi uma coisa muito racional.

Mas o fato é que nesse período o PT de fato estava lá, quando eu soube que a FATEC, uma faculdade mantida pelo dinheiro público era, pelo menos para mim, uma farsa. Foi no PT que eu encontrei as respostas e o apoio para transformar essa situação. Também era verdade que o PT não dava formação para os seus militantes, mas, como o Lincoln explica no livro, a pouca formação que havia vinha geralmente das tendências, e eu tive a oportunidade de me aproximar através de uma delas, que me forneceu muito material de leitura.

Quando ganhamos as eleições para o centro acadêmico, em 1986, e continuamos nos reelegendo seguidamente até 1990, quando me formei, foi sempre o PT que ouviu as nossas reivindicações por melhoria das condições e da qualidade de ensino. Foi o PT que defendeu nossas causas na Assembleia Legislativa de São Paulo. Foram os estudantes petistas que se aproximaram e participaram com mais intensidade das nossas gestões e foi com os petistas que conseguimos nos entender e defender nossas teses nos congressos estudantis, no DCE da UNESP ou na UNE. Lembro-me que o primeiro a defender nossas posições na Assembleia Legislativa foi o deputado Ivan Valente e depois José Dirceu. Quando alguns dos nossos colegas foram presos, junto com colegas da Faculdade São Judas, por participarem de uma assembleia nessa instituição

contra o aumento das mensalidades, foi este que foi à delegacia para defendê-los e liberá-los. Quando fazíamos uma passeata ou manifestação, eram os parlamentares do PT que apareciam para nos prestigiar e impedir que a polícia nos espancasse. E assim era em toda parte, qualquer que fosse o movimento.

Em Santo André, nessa época, quando houve uma ação da tropa de choque próximo à minha casa, para a reintegração de posse de um condomínio que fora ocupado por trabalhadores sem-teto, o então deputado Eduardo Suplicy estava lá e também apanhou da polícia. Não havia como alguém, realmente preocupado com questões populares e que participasse de um movimento social, não se aproximar do PT nessa época. Os movimentos sociais eram a cara do PT e vice-versa.

Sobre a campanha das “Diretas Já”, Lincoln ensina que ela de fato foi capitaneada pelo MDB, mas que o PT tomou a liderança nas ruas. A minha lembrança é que de fato a emenda pelas Diretas Já foi de autoria do deputado Dante de Oliveira, do MDB, e que quando houve os grandes comícios, com transmissão da Rede Globo, caras como a de Ulisses Guimarães oportunisticamente se colocaram no centro dos palanques e tomaram os microfones, mas eram os petistas que faziam barulho e se batiam pela causa. Os oportunistas do MDB, sempre bem ajustados à ditadura e ao poder, deixaram a emenda ser derrotada no Congresso Nacional e logo trataram de se aliar à dissidência da Arena, a Frente Liberal, depois PFL e hoje DEM, para elegerem Tancredo Neves indiretamente. O PT manteve-se coerente, recusou-se a participar da farsa e expulsou os seus parlamentares que insistiram em votar em Tancredo, como a atriz Bete Mendes, que até hoje me inspira antipatia por isso. O PT isolou-se, mas construiu a sua identidade.

Veio, então, a Assembleia Constituinte, para a qual Lula também foi eleito. O que eu me lembro dessa época, e que Lincoln não cita no livro, por não ser pertinente talvez, foi o acompanhamento que o DIEESE fez das votações dos temas que interessavam diretamente aos trabalhadores, chegando a publicar até um livro: “Quem foi quem na constituinte”, apontando como cada deputado votou nessas questões. Apenas os deputados do PT ganharam uma nota 10, votando sempre a favor dos trabalhadores. Muita gente que posava de moderado ou centro-esquerda teve notas bem baixas, mostrando sua verdadeira cara.

Foi nessa época que o PT teve suas primeiras grandes vitórias eleitorais. Marcou-me pessoalmente a eleição de Luiza Erundina a prefeita de São Paulo. O meu pré-candidato, o da Articulação, era Plínio de Arruda Sampaio, mas a esquerda do partido conseguiu emplacar o nome de Erundina. O partido foi unido para a campanha. A gestão anterior da cidade havia sido desastrosa, embora eu já não me lembre de quem fora o prefeito, então houve um voto de protesto da população em geral. O PT surpreendeu e Erundina levou a prefeitura. O que não está no livro é a grande festa que fizemos na Paulista, e como eu e também outros militantes éramos barrados ao tentar entrar em alguns restaurantes nos arredores, vestidos com as camisetas do PT, ou com as bandeiras, já enroladas nas mãos. Os pequenos burgueses, donos desses restaurantes, estavam furiosos.

A gestão de Erundina foi atribulada, tanto pelos conflitos com o partido e os movimentos sociais (pois as limitações técnicas e de orçamento impossibilitavam o atendimento de todas as reivindicações, o que era frustrante para todos, dada a grande expectativa e a falta de experiência do partido em estar no poder), como pelo intenso patulhamento da imprensa burguesa, que ocorre até hoje, buscando indícios de corrupção para desmoralizar a administração de Erundina. Como no Brasil é impossível administrar sem alguma concessão às forças da corrupção, dado o grau como ela está arraigada em todos os tecidos da nossa sociedade, alguns casos foram descobertos, como o da Lubeca e o da Prodam, e logo transfigurados em enormes escândalos pela imprensa e comprometendo companheiros importantes. Mas essa é, infelizmente, uma história que continua a se repetir. Basta abrir o jornal de hoje e você vai ver um caso menor que, por envolver o PT, está sob uma imensa lente de aumento.

Fechando essa época está a campanha de 1989. Acho que esse foi o grande momento do PT, ou da militância do PT. Finalmente iríamos eleger diretamente o presidente depois de uma ditadura cruel e de um governo desastroso de José Sarney, e Lula era uma possibilidade real. Estávamos prontos, íamos transformar este país. A mobilização da militância era enorme. Eu ainda estudava na FATEC e trabalhava em um banco, então tinha que vestir terno e gravata. À noite, depois da aula, eu e outros colegas tomávamos o trem na estação da luz de volta para casa. Mais de uma vez

aproveitamos para distribuir panfletos da campanha de Lula. Eu era uma figura particularmente estranha, de terno e gravata e uma fita escrita “Lula lá” amarrada na testa. Mas quando passávamos, distribuindo os panfletos, o povo dava espaço e dizia, rindo, “abram alas para os secretários do Lula”! Também era notável como a receptividade que tínhamos nesses momentos ainda na estação da Luz, era muito maior entre aqueles que estavam esperando o trem para o ABC que entre aqueles que se dirigiam para o sentido oposto, Pirituba e Francisco Morato. Os dias de votação foram grandes festas, com as ruas tomadas por militantes com camisetas e bandeiras do PT. A difamação e as manobras perpetradas pela imprensa contra Lula para eleger Fernando Collor foram algo pérfido. O PT nunca mais foi o mesmo e o país teve roubada a sua grande chance.

Em 1990 eu me formei e deixei o movimento estudantil e a militância. Passei apenas a votar e acompanhar o PT de longe. O impeachment de Collor, a posse de Itamar Franco, o segundo plano a que o PT ficou relegado com o sucesso do Plano Real no combate à inflação, sua lenta, mas constante e bem orquestrada transição em direção à social-democracia, a imensa crise que FHC lançou o país ao manter o Real sobrevalorizado para garantir sua reeleição, mas que comprometeu totalmente seu segundo mandato, a eleição de Lula, finalmente, mas agora já com uma agenda social-democrata, o imenso sucesso de seu governo, sua reeleição e a eleição de Dilma – foram todas coisas que assisti um pouco de longe.

Uma exceção foi o dia da eleição de Lula. Embora eu soubesse que já não era o mesmo de 1989, eu não pude ficar em casa. Corri para a sede do Núcleo de Estudos d’O Capital (NEC-PT), encontrei os camaradas e fui para a quadra do Sindicato dos Bancários, perto da Praça da Sé, enchi a cara e fui para a Paulista terminar de festejar esperando o discurso da vitória de Lula. Eu tinha o direito de sonhar, pelo menos por um dia.

Outra exceção foi quando do “escândalo do mensalão”. Ao contrário do que Lincoln afirma no livro, eu não acredito que tenha sido algo diferente do que sempre se praticou para viabilizar o governo federal desse país. Acho, ainda mais, que nunca foi possível governar de outra forma. A única diferença entre esse caso e aqueles noticiados nos governos Sarney, Collor, Itamar, FHC, foi o tamanho da lente que a imprensa colocou sobre o caso. Mas



ele tem razão ao contar o quanto isso marcou a militância. Como ele escreve brilhantemente, “ser acusado de terrorista causa raiva; ser acusado de corrupto, vergonha”. Mesmo assim, foi a militância que salvou o PT nesse momento, comparecendo massivamente às eleições internas para escolher a nova direção do partido. Ficou claro para todos, imprensa e oposição, que seria impossível banir do cenário um partido capaz de mobilizar 300.000 militantes num momento tão difícil.

Mas, envergonhado, sou obrigado a admitir não ser, e que talvez nunca tenha sido tão bom ou tão forte, pois embora mantenha meu voto (e não esconda minha preferência de quem perguntar), depois desse episódio nunca mais eu tive coragem de sair à rua ostentando a nossa tão cara estrela.

Mas o livro do Lincoln está aí, para ajudar a contar tudo isso para os que vieram depois de mim e estão aí, cheios de energia, e como diz Lincoln em sua introdução a essa obra: “são os herdeiros dessa história e desejam superá-la”.

SECCO, Lincoln. *História do PT*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2011.



## Livro n.2

### Revista do NELE

### Núcleo de

### Estudos do Livro

### e da Edição

LIVRO – a revista – é uma publicação do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição (NELE), da Universidade de São Paulo. Nasceu do esforço coletivo de professores, pesquisadores e profissionais no sentido de materializar um fórum aberto à reflexão, ao debate e à difusão de pesquisas que tem na palavra impressa seu objeto principal. Talvez seja por esse motivo que LIVRO já demonstre desde o número de estreia a pretensão de cobrir, por meio de suas matérias, todo o “ciclo de vida da comunicação impressa”, para utilizarmos um termo caro ao historiador Robert Darnton. Também a temática da leitura perpassa toda a revista sob roupagens diversas em artigos que abarcar diferentes aspectos do livro e da leitura em si.

O projeto da revista LIVRO se delineia diante de uma série de desafios. Mas podemos afirmar que o objetivo maior de LIVRO reside na valorização do suporte impresso diante das mudanças a que temos assistido no campo da produção editorial. LIVRO se rende, enfim, a múltiplas investigações em torno deste objeto múltiplo, agregador de tantas formas de expressão artística e crítica. Donde a pretensão de reunir em suas páginas variegadas contribuições. Dos frutos originados na academia às reflexões daqueles profissionais que vivenciam ou vivenciam cotidianamente a experiência editorial. Promover a pesquisa, agregar profissionais, provocar o espírito crítico. Eis, em poucas palavras, a razão de sua existência.